

TORRE DO SERVIÇO DE ÁGUAS

João Tordo

Quando a vila ainda está silenciosa — o som dos pássaros, o deslizar das rodas de um carro, do outro lado de uma janela fechada. Um apartamento frio, solitário. Lençóis quentes, um corpo pesado e envelhecido. Na boca, o sabor da nicotina. O aroma da naftalina e dos lilases. Um sonho com um cavalo de olhos marejados, rasgando a brisa. O corcel atravessando o deserto, a planície. As lágrimas a escorrerem-lhe da pele de tafetá. Imaginas o cavalo a entrar na vila adormecida, o galope feito trote. O som dos cascos no empedrado.

Depois, levantas-te devagarinho e vais à janela. Acordar no Alentejo é diferente de acordar em qualquer outro lado do mundo. Pode saltar do teu sonho esse cavalo, e galgar da rua principal para o jardim elevado, subindo os degraus no seu passo trôpego. O cavalo tem sede; cheira-lhe a água na torre branca, de rebordo azul. No silêncio de Sousel, o corcel abeira-se do promontório e, cascos ferrados na relva, aguarda paciente até que a chuva desabe sobre a vila, e a torre transborde. Os animais sabem esperar.